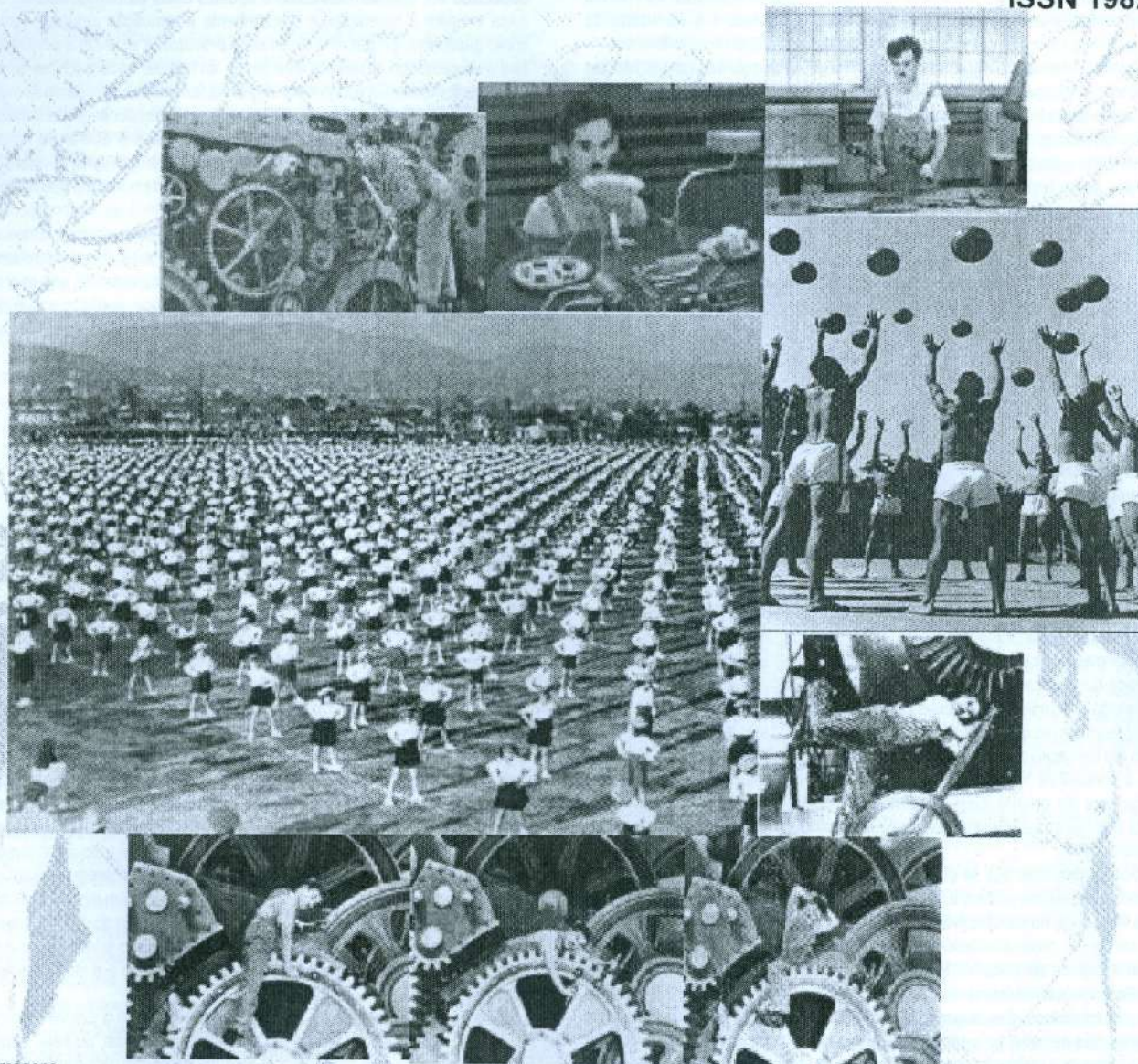


GERMINAL

Boletim n. 4, 10/2008-Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação (MHTLE)

ISSN 1982 - 9787



Fontes das Imagens

Fotos "Tempos Modernos" – Charles Chaplin. Tela Crítica. Disponível em: http://www.telacritica.org/temposmodernos_trabalho.htm Acesso em: 25/10/2008 18h21

A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS

E, finalmente, a divisão do trabalho oferece-nos logo o primeiro exemplo de como, enquanto os homens se encontram na sociedade natural, ou seja, enquanto existir a cisão entre o interesse particular e o comum, enquanto, por conseguinte, a actividade não é dividida voluntariamente, mas sim naturalmente, a própria acção do homem se torna para este um poder alheio e oposto que o subjugua, em vez de ser ele a dominá-la. E que assim que o trabalho começa a ser distribuído, cada homem tem um círculo de actividade determinado e exclusivo que lhe é imposto e do qual não pode sair; será caçador, pescador ou pastor ou crítico crítico, e terá de continuar a sê-lo se não quiser perder os meios de subsistência — ao passo que na sociedade comunista, na qual cada homem não tem um círculo exclusivo de actividade, mas se pode adestrar em todos os ramos que preferir, a sociedade regula a produção geral e, precisamente

desse modo, torna possível que eu faça hoje uma coisa e amanhã outra, que cace de manhã, pesque de tarde, crie gado à tardinha, critique depois da ceia, tal como me aprovar, sem ter de me tornar caçador, pescador, pastor ou crítico.

Esta fixação da actividade social, esta consolidação do nosso próprio produto como força objectiva acima de nós que escapa ao nosso controlo, contraria as nossas expectativas e aniquila os nossos cálculos, é um dos factores principais no desenvolvimento histórico até aos nossos dias. (ver texto completo nas próximas páginas).

Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/cap2.htm#15> Acesso em: 29/10/2008.

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS

MARXISMO, HISTÓRIA, TEMPO LIVRE E EDUCAÇÃO



O DESAFIO DE EXPLICAR O LAZER À LUZ DO MARXISMO

Elza Peixoto

O Boletim *Geminal* – órgão de comunicação do Grupo de Estudos e Pesquisas *Marxismo, História, Tempo Livre e Educação* – entra em sua quarta edição comemorando (1) a ampliação da distribuição, ainda que em pequenas quantidades, de sua versão impressa; (2) as mil visitas à sua versão *on-line*. É com o desafio lançado por Maria de Fátima no Editorial do número 3 em mente (*Conhecer, expandir e articular os estudos marxianos para enfrentar o capital*) que dedicamos o número 4 à discussão da problemática do lazer tomada como prática, política e produção do conhecimento.

Abrimos este número com o vigoroso texto de Marx e Engels sobre as consequências da divisão social do trabalho, contendo a famosa passagem na qual se referem às possibilidades de ação humana na sociedade comunista e ao projeto de encontrar a super-especialização imposta pela divisão social do trabalho própria do modo capitalista de produção. Nada mais propício como pano de fundo para as reflexões contidas nos artigos escritos pelos “veteranos”, Máuri de Carvalho, Iracema Soares Souza, Kátia Oliver de Sá, Elza Peixoto e Rogério Massarotto de Oliveira e pelas estudantes Vanessa da Silva Guilherme, Francielle Amaral e Vânia Cristina Rocha, que expõem as ferramentas às quais têm recorrido para o entendimento das práticas, das políticas e da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer, especialmente no Brasil, como expressão de um movimento real, concreto. Os textos são, assim, problematizações, ensaios teóricos, diagnósticos: primeiras notas teóricas de estudiosos que têm em mãos um tema sobre o qual a produção do conhecimento avoluma-se sem promover explicações eficientes. Mas, as teorias são formuláveis apenas quando os problemas estão concretamente colocados. *A consciência nunca pode ser mais que o Ser consciente; e o Ser dos homens é o seu processo de vida real* (MARX e ENGELS. *A ideologia alemã*). Qual seria a relação entre os estudos do lazer e a realidade brasileira?

Os estudos do lazer no Brasil são uma das expressões dos conflitos que se dão na luta de classes que aqui se trava. Uma disputa de classes de interesses muito distinta, oposta e contraditoriamente complementar, dialética: os interesses da classe trabalhadora brasileira que se faz no mesmo processo de fazer-se da classe proprietária dos meios de produção no Brasil (os donos da terra, da indústria e do comércio e todo o séquito que produz para consolidar-se como classe dominante). As práticas, as políticas e os estudos do lazer só podem ser explicados à luz da realidade que os produz: a forma do capitalismo na história da formação social brasileira, a especificidade do movimento mais amplo do capital monopólico, imperialista, que se consolida e expande a todo o mundo a partir do quarto final do século XIX. Se o início da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil pode ser imediatamente associado à preocupação com a disciplinarização racionalizada do tempo livre da classe trabalhadora em formação neste país – portanto, lastreada no liberalismo em suas formas específicas à conjuntura brasileira – a produção do conhecimento que faça a crítica radical e rigorosa ao projeto burguês para a ocupação do tempo livre da classe trabalhadora brasileira só pode estabelecer-se neste mesmo lugar e em clara oposição a estes interesses.

Os estudiosos marxistas que se dedicam à problemática do lazer têm que partir da crítica marxista à economia política e, nela localizar o papel atribuído ao lazer. É e aqui que se faz a denúncia: na perspectiva dos interesses de reprodução do capital, o lazer só pode se configurar como atividade/atitude que garanta o retorno eficiente da classe trabalhadora à jornada de trabalho. Esse fato histórico não pode ser superado com a crítica às ideias, aos subjetivismos, aos irracionalismos ou à negação da história como vendem os pós-modernos. Sua superação só pode ocorrer pelos mesmos processos revolucionários que derrubarão o capitalismo como modo predominante de produção da existência humana. A revolução se faz continuamente, em um movimento de expansão e retração determinado pela expansão das forças produtivas e pela correlação de forças entre as classes e frações de classe em embate no processo de apropriação das forças produtivas e de seus produtos. Depende, portanto, de homens organizados em classes de interesses, homens que tomam a história em suas mãos.

Mas, é nas entranhas do modo capitalista de produção que está em formação a negação do capitalismo e do modo como os homens nele produzem sua existência. Uma existência sem direito ao reino da liberdade para desenvolver suas subjetividades, aprisionados ao reino da necessidade, condenados à negação do usufruto de uma vida livre para a atividade livre, condenados à ausência do direito ao ócio para cultivar a si e aos seus interesses mais profundos. A negação do capitalismo deve ser buscada no mesmo movimento contraditório, dialético e em totalidade pelo qual se forma, desenvolve-se e finda este e qualquer outro modo de produção que a humanidade já tenha produzido. É em seu interior, em suas entranhas, que temos que olhar para o lazer. Todos os esforços que busquem isolar o objeto ou considerá-lo em relações empíricas, aparentes, superficiais falharão na tentativa de explicá-lo. É no movimento amplo, complexo, contraditório, dialético, trabalho de empregar o cérebro para apreender essa realidade em constante movimento que podemos explicar o lazer.

Este *Geminal*, portanto, não é mais que a semente brotada. Temos plena consciência de estarmos realizando um movimento preliminar, um primeiro esboço; rascunhos de um projeto nem tanto usado, mas bastante desafiador: explicar o lazer à luz da obra de Marx e Engels e do marxismo que daí se desdobra. E aqui se faz a principal tarefa deste Boletim: convidar os leitores a realizar conosco este movimento, já que os brotos podem morrer se não forem devidamente estimulados.

A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS: A PROPRIEDADE PRIVADA, O ESTADO, A “ALIENAÇÃO” DA ACTIVIDADE SOCIAL

Karl Marx e Friedrich Engels

Com a divisão do trabalho, na qual estão dadas todas estas contradições, e a qual por sua vez assenta na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em famílias individuais e opostas umas às outras, está ao mesmo tempo dada também a repartição, e precisamente a repartição *desigual*, tanto quantitativa como qualitativa, do trabalho e dos seus produtos, e portanto a propriedade, a qual já tem o seu embrião, a sua primeira forma, na família, onde a mulher e os filhos são os escravos do homem. A escravatura latente na família, se bem que ainda muito rudimentar, é a primeira propriedade, que de resto já aqui corresponde perfeitamente à definição dos modernos economistas, segundo a qual ela é o dispor de força de trabalho [*Arbeitskraft*] alheia. De resto, divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas — numa enuncia-se em relação à actividade o mesmo que na outra se enuncia relativamente ao produto da actividade.

Além disso, com a divisão do trabalho está dada, ao mesmo tempo, a contradição entre o interesse de cada um dos indivíduos ou de cada uma das famílias e o interesse comunitário de todos os indivíduos que mantêm intercâmbio uns com os outros; e a verdade é que este interesse comunitário de modo nenhum existe meramente na representação, como “universal”, mas antes de mais na realidade, como dependência recíproca dos indivíduos entre os quais o trabalho está dividido.

É e precisamente por esta contradição do interesse particular e do interesse comunitário que o interesse comunitário assume uma forma autônoma como *Estado*, separado dos interesses reais dos indivíduos e do todo, e ao mesmo tempo como comunidade ilusória, mas sempre sobre a base real [*realen Basis*] dos laços existentes em todos os conglomerados de famílias e tribais — como de carne e sangue, de língua, de divisão do trabalho numa escala maior, e demais interesses —, e especialmente, como mais tarde desenvolveremos, das classes desde logo condicionadas pela divisão do trabalho e que se diferenciam em todas essas massas de homens, e das quais uma domina todas as outras. Daqui resulta que todas as lutas no seio do Estado, a luta entre a democracia, a aristocracia e a monarquia, a luta pelo direito de voto, etc., etc., não são mais do que as formas ilusórias em que são travadas as lutas reais das diferentes classes entre si (disto os teóricos alemães não percebem uma sílaba, apesar de se lhes ter dado para isso indicações suficientes nos *Deutsch-Französische Jahrbücher* e em *A Sagrada Família*); e também que todas as classes que aspiram ao domínio, mesmo quando o seu domínio, como é o caso com o proletariado, condiciona a superação de toda a forma velha da sociedade e da dominação em geral, têm primeiro de conquistar o poder político, para por sua vez representarem o seu interesse como o interesse geral, coisa que no primeiro momento são obrigadas a fazer.

Precisamente porque os indivíduos procuram apenas o seu interesse particular, o qual para eles não coincide com o seu interesse comunitário — a verdade é que o geral é a forma ilusória da existência na comunidade —, este é feito valer como um interesse que lhes é “alheio” e “independente” deles, como um interesse “geral” que é também ele, por seu turno, particular e peculiar, ou eles próprios têm de se mover nesta discórdia, como na democracia. Por outro lado, também a luta prática destes interesses particulares, que realmente se opõem constantemente aos interesses comunitários e aos interesses comunitários ilusórios, torna necessários a intervenção e o refreamento práticos pelo interesse “geral” ilusório como Estado.

E, finalmente, a divisão do trabalho oferece-nos logo o primeiro exemplo de como, enquanto os homens se encontram na sociedade natural, ou seja, enquanto existir a cisão entre o interesse particular e o comum, enquanto, por conseguinte, a actividade não é dividida voluntariamente, mas sim naturalmente, a própria acção do homem se torna para este um poder alheio e oposto que o subjuga, em vez de ser ele a dominá-la. E que assim que o trabalho começa a ser distribuído, cada homem tem um círculo de actividade determinado e exclusivo que lhe é imposto e do qual não pode sair, será caçador, pescador ou pastor ou crítico crítico, e terá de continuar a sê-lo se não quiser perder os meios de subsistência — ao passo que na sociedade comunista, na qual cada homem não tem um círculo exclusivo de actividade, mas se pode adestrar em todos os ramos que preferir, a sociedade regula a produção geral e, precisamente desse modo, torna possível que eu faça hoje uma coisa e amanhã outra, que cace de manhã, pesque de tarde, crie gado à tardinha, critique depois da ceia, tal como me aprouver, sem ter de me tornar caçador, pescador, pastor ou crítico.

Esta fixação da actividade social, esta consolidação do nosso próprio produto como força objectiva acima de nós que escapa ao nosso controlo, contraria as nossas expectativas e aniquila os nossos cálculos, é um dos factores principais no desenvolvimento histórico até aos nossos dias. O poder social, isto é, a força de produção multiplicada que surge pela cooperação dos diferentes indivíduos condicionada na divisão do trabalho, aparece a estes indivíduos — porque a própria cooperação não é voluntária, mas natural — não como o seu próprio poder unido, mas como uma força alheia que existe fora deles, da qual não sabem donde vem e a que se destina, que eles, portanto, já não podem dominar e que, pelo contrário, percorre uma série peculiar de fases e etapas de desenvolvimento independente da vontade e do esforço dos homens, e que em primeiro lugar dirige essa vontade e esse esforço. De outro modo, como poderia, por exemplo, a propriedade ter uma história, assumir várias formas, e, por exemplo, a propriedade fundiária, conforme as diferentes condições existentes,

passar em França do parcelamento para a centralização em poucas mãos, e em Inglaterra da centralização em poucas mãos para o parcelamento, como é hoje realmente o caso? Ou como explicar que o comércio, que não é de facto mais do que a troca de produtos de diferentes indivíduos e países, domine o mundo inteiro pela relação de procura e fornecimento [*Nachfrage und Zufuhr*] — uma relação que, como diz um economista inglês, paira sobre a Terra semelhante ao Destino antigo e com mão invisível distribui a felicidade e a infelicidade aos homens, funda impérios e destrói impérios, faz nascer e desaparecer povos —, ao passo que com a supressão da base, da propriedade privada, com a regulação comunista da produção e o aniquilamento a ela inerente do alheamento [*Fremdheit*] com que os homens se relacionam com o seu próprio produto, o poder da relação de procura e fornecimento se dissolve em nada e os homens voltam a ter sob o seu domínio a troca, a produção, o modo da sua mútua relação?

Fonte: MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/cap2.htm#15> Acesso em: 29/10/2008.

LAZER NA CIDADE DO CAPITAL

Máuri de Carvalho

(DEF-UFES)

Há uma afirmação de Marx que nos incita a pensar sobre quem são os intelectuais, de onde vêm e qual o seu papel no interior de uma sociedade de classes, uma sociedade despedaçada por uma inofismável seqüência de confrontos e conflitos sociais. Para Marx, os filósofos, intelectuais rigorosos de sua época,

... não brotam da terra como cogumelos, eles são frutos da sua época, do seu povo, cujas energias, tanto as mais sutis e preciosas como as menos visíveis, se exprimem nas idéias filosóficas. O espírito que constrói os sistemas filosóficos no cérebro dos filósofos é o mesmo que constrói os caminhos de ferro com as mãos dos trabalhadores. A filosofia não é exterior ao mundo (MARX, K. *Escritos de juventud*. In MARX, K. y ENGELS, F. *Obras fundamentais, tomo 1*. México (DF): Fondo de Cultura Económica, 1987, p. 230).

É preciso demonstrar que na cidade do capital não há lazer para a classe operária e para os trabalhadores urbanos e rurais em geral. As políticas públicas de lazer, neste país, desde o alvorecer da ditadura de 1964 ao deliquescente governo neoliberal de Lula da Silva são demagógicas à medida que tais políticas não podem ser isoladas das políticas públicas de salário mínimo, educação, saúde, pleno emprego, reforma agrária etc., que permitissem aos operários e trabalhadores assalariados acessar a cultura produzida e acumulada historicamente.

Tratar a política pública de lazer desvinculada da política maior deste país, política econômica rendida aos interesses das potências estrangeiras e do imperialismo, é uma perspectiva demagógica e, em se tratando de políticos, eleitoreira. Em 1997, escrevi um capítulo de livro intitulado "*A falácia do lazer*", tentava chamar a atenção dos leitores em geral e dos professores e estudantes de educação física em particular, para a questão de que na cidade do capital não há tempo livre para a classe operária, portanto, não há lazer para os que trabalham exaustivamente de sol a sol.

Os operários que invariavelmente moram há 50 quilômetros do seu local de trabalho e, grosso modo, trabalham entre 8 e 12 horas/dia, não têm tempo para lazer entendido como atividades feitas espontaneamente durante o tempo livre, supostamente tempo de não trabalho. O que se pode observar é que as atividades praticadas por essas pessoas no seu tempo livre são dirigidas por grupos econômicos — televisão, empresas de eventos esportivos, sindicatos propositivo e de resultado conluiado com o capital e pelo próprio Estado (via Ministério dos Esportes, Secretária Nacional de Esportes e Lazer). De per si, tal situação não seria lazer à medida que as atividades não são praticadas espontaneamente e nem escolhidas livremente, mas induzidas por agentes externos e quase sempre aversos aos interesses e direitos dos operários e trabalhadores.

Os programas de lazer dos diversos governos de Estados da Federação, inclusive os do governo central, são dirigidos por técnicos e professores pagos por empresas ou pelos próprios governos, para distrair a comunidade, aplicando ali atividades distrativas. O projeto "Esporte Solidário" do governo FHC, bem como o "Segundo Tempo" do governo Lula, são demagogia pura e às escâncaras. Solidário com quem? Segundo tempo de que, do desemprego e da fome?

Como é que podemos nos preocupar com políticas públicas de lazer e nada dizer sobre o país que nega, sem nenhum constrangimento, os direitos trabalhistas, aumenta o salário mínimo segundo o discurso oficial, enquanto reduz o poder de compra dos mais pobres? A meu ver, é tratar o lazer de forma dissociada, e esse tratamento dissociado corresponde ao que foi precitado: demagogia eleitoreira ou mero assistencialismo.

Exatamente por isso, os principais teóricos do lazer parecem ter esquecido da metáfora marxista transcrita abaixo, classificando o capitalismo como um sistema no qual:

A floresta de braços que se levanta para pedir trabalho se torna cada vez mais densa, e que os próprios braços que a formam se tomam cada vez mais magros. Senhor distinto e bárbaro ao mesmo tempo, o capital arrasta consigo para o túmulo os cadáveres de seus escravos, hecatombes inteiras de operários que sucumbem nas crises (MARX, K. *Trabalho assalariado e capital*. São Paulo: Global, 1980, p. 44-45).

Devo dizer àqueles que irão trabalhar com o lazer e, especialmente aos estudiosos do lazer, que o *reino da liberdade* começa onde o trabalho deixa de ser determinado pelas necessidades e pelas utilidades exteriormente impostas; a produção material situa-se no âmbito do *reino das necessidades*. Neste sentido, apenas para além das necessidades inicia-se o desenvolvimento das forças verdadeiramente humanas como um fim em si mesmo: o reino genuíno da liberdade, o qual floresce tendo por base a completude do reino da necessidade.

A condição fundamental do real desenvolvimento humano é a junção da redução da jornada de trabalho com a expropriação dos expropriadores, a tomada do poder pelo proletariado e a edificação doutro tipo de sociedade onde o operário terá garantido por suas próprias forças o acesso ilimitado à cultura (e as formas de lazer como facetas dessa cultura) produzida e acumulada historicamente (MARX, K. *O capital – livro 3, volume 6*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981).

O estudo do desenvolvimento do capitalismo revela que a hegemonia burguesa, ao substituir a servidão e a vassalagem próprias ao sistema feudal e às formas patriarcais de subordinação, opera apenas uma mudança na forma e não na estrutura da sociedade de classes e essa nova "forma torna-se mais livre porque é agora de natureza meramente material, formalmente voluntária, puramente econômica" (MARX, K. *Capítulo VI inédito de O capital*. São Paulo: Moraes, 1985, p. 97).

Mas o que é que humaniza: o trabalho ou o supérfluo?

Na tradição marxista, as sociedades do futuro deverão se organizar em torno do supérfluo, o trabalho tomará apenas de três a quatro horas do dia dos homens e mulheres, ficando o restante do dia destinado ao rega-bofe, ao mandar e ao acessar o supérfluo. Sem o rega-bofe não há humanização plena (LAFARGUE, P. *O direito à preguiça e outros textos*. São Paulo: Mandacaru, 1990; LEFÈVRE, H. *Metafilosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967).

Contudo, no século XXI, ainda é visível um paradoxo da antiguidade clássica: para o escravo assalariado o útil é apenas o imprescindível à conservação da sua vida biológica, ou seja, é útil apenas o necessário à sua sobrevivência enquanto "máquina animada" falante. O restante, tudo o mais produzido por ele mesmo de forma coletiva é considerado como inútil (CORBISIER, R. *Introdução*. LEFÈVRE, H. *Metafilosofia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976, p. 56).

A vida propriamente humana começa a partir do momento em que o homem e a mulher conseguem realizar suas necessidades meramente animais. Se só é útil o que atende a essas necessidades, então a vida propriamente humana só começa a partir do momento em que o homem dá início a prática de coisas inúteis (CORBISIER, 1976, p. 36).

Se for fora do trabalho que os homens e mulheres cantam, dançam, jogam e conversam sobre inutilidades ou futilidades, então é porque são as coisas inúteis ou fúteis que dão o sentido maior à vida. Assim, o fulcro da humanização não está no útil (no trabalho), mas no inútil ou útil na medida em que torna possível o inútil (a cultura sofisticada). O essencial, para o ser humano não é, portanto, o útil, mas o inútil; não é o necessário o fator que favorece a humanização plena, mas o contingente. Não é o indispensável, mas o supérfluo, o incerto que precisa se tornar o certo.

Nesta ceeluma uma questão me parece digna de nota. Aos olhos da burguesia a filosofia é a mais inútil das inutilidades para a classe operária, para os excluídos e oprimidos. Contudo, arriscaria dizer que sem filosofia, sem a amizade pelo saber, pelo conhecimento, sem conhecer os meandros da história, eles permanecerão inconscientes, alienados, ignorando que apenas o inútil, neste caso a filosofia, pode arrancá-los da escuridão da "caverna" em que vivem, erradicando a catarata atávica que obnubila sua visão.

Foram o inútil, a velha e boa filosofia iluminista e o marxismo os responsáveis pelas revoluções francesa, bolchevique, chinesa e cubana. Assim sendo, não se deve esquecer jamais que sem o iluminismo as transformações das estruturas econômicas e sociais da sociedade feudal francesa, o *ancien regime*, não teriam sido erradicadas. Sem o inútil iluminismo, sem a *supérflua Enciclopédia* a Revolução francesa de 1789 não teria ocorrido tal como ocorreu.

As revoluções do século XX seriam inviáveis sem a inútil filosofia de Hegel, assumida e superada por Marx, sem as observações marginais supérfluas de Engels e as ações políticas desnecessárias de Lenin, certamente as revoluções russa, chinesa e cubana não teriam ocorrido, elas seriam inexplicáveis sem o marxismo-leninismo.

Com efeito, "não se chegou à teoria pela prática revolucionária, mas, ao contrário, a prática é que adquiriu semelhante característica por ser iluminada e orientada pela teoria da revolução" (CORBISIER, 1968, p. 188).

Nos dias de hoje permanece o paradoxo: por um lado, a filosofia é inútil à classe operária; por outro lado, essa mesma classe precisa da inútil filosofia para implementar a ação revolucionária que haverá de transformar a cidade do capital em cidade do trabalho onde o *faber* se efetiva como *poético* — e a *poiesis* entendida como processo de instauração da totalidade, fundação de um estilo de vida, a partir de determinado projeto de sociedade e de homem.

É o inútil conhecimento, a filosofia, que pode converter "os homens do sensível ao inteligível, das aparências à realidade, das ilusões à verdade", é o conhecimento inútil que poderá tirá-los do estado de alienação em que se encontram, privados da própria existência, sendo que, ao romper os grilhões da alienação, tal fato representa a própria existência humana a realizar sua essência.

Na cidade do capital o homem trabalhador permanece alienado e sua alienação consiste na metamorfose do seu "ser" no "ter" do capitalista. Explico! Os que possuem ou têm de realmente seu os trabalhadores assalariados e os operários além da própria força de trabalho — seu cérebro, suas mãos, braços e pernas, seu "ser" para alugar ou vender?

Como dizia Marx em *O capital*: o capitalista é como um vampiro que quanto mais suga o sangue de suas vítimas mais forte fica.

No dia em que a opressão e a extorsão do capital sobre o trabalho forem erradicadas e a filosofia deixar de ser *privilegio* de poucos e *inutilidade* para muitos, o lazer poderá substituir progressivamente o trabalho cada vez menos a cargo do homem e cada vez mais a cargo da máquina. Embora se possa afirmar ser essa uma *possibilidade histórica* concreta, há que se considerar que a robotização jamais alcançará 100% da força de trabalho.

A humanização plena será possível apenas nas sociedades onde foi posta em marcha, definitivamente, pela incorporação da inutilidade e do supérfluo ao processo civilizatório.

No capitalismo permanece a centralidade das relações sociais de produção hegemônica. Esposo a tese segundo a qual "o homem só se sente livremente ativo nas suas funções animais - comer, beber e procriar, quando muito, na habitação, no adorno, etc. - enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. O elemento animal torna-se humano e o humano animal" (MARX, K. *Manuscritos econômicos - filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 162).

Se os gregos clássicos abominavam o trabalho, predicado apenas para os escravos, é porque a eles estavam reservados os prazeres do vinho, os exercícios físicos, os jogos, a música e a poesia, estes por excelência alimentos da "alma". Os filósofos dessa *era de ouro* ou de *esplendor* faziam apologia ao não-trabalho, isto é, ensinavam aos seus discípulos desde a mais tenra infância o desprezo pelo trabalho como função menor e degradante do homem livre (VERNANT, J. P. *As origens do pensamento grego*. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 17).

Sob o capitalismo "cada homem especula sobre a maneira como criar no outro uma nova necessidade para forçá-lo a novo sacrifício. Todo produto novo constitui uma nova potencialidade de mútuo engano e roubo" (MARX, 1989, p. 207). Os corpos humanos são prostituídos à geração de mais-valia necessária à realização das orgias do capital. O capitalista só se dirige a sua futura vítima, o operário preferencialmente, com a condição de burlá-lo esperando causar-lhe prazer (MARX, 1989, p. 208).

O que dá prazer ao operário, o *inútil*, cairá na malha fina do capitalismo. O *inútil*, o lazer - queijos e vinho, uma exuberante feijoada, uma ópera irresistível etc. - foi transformado em mercadoria desejada cuja aquisição cada vez mais difícil é proibitiva aos trabalhadores. Então, lazer para quem na cidade do capital?

BASES ONTOLÓGICAS DOS ESTUDOS DO LAZER NA RELAÇÃO COM O TRABALHO NA FORMAÇÃO ECONÔMICA CAPITALISTA: APONTAMENTOS A PARTIR DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO BRASIL

Kátia Oliver de Sá

LEPEL-FACED/UFBA

Para tratar de bases ontológicas dos estudos do lazer na relação com a categoria trabalho, inicialmente é fundamental explicitar que parto de uma reflexão filosófico-ontológica que se pauta no terreno de uma ontologia marxista do ser social. Essa tarefa que ora se encontra em processo de análise empírica sobre os estudos de doutoramento concretiza-se a partir de uma revisão de dados da história e dos estudos da ontologia, que estamos realizando no LEPEL.¹ Pretendemos demonstrar, a partir da categoria "possibilidade objetiva", em que situação efetiva se pode desmascarar o lugar que o lazer ocupa na produção de conhecimento das universidades, em vista ao tratamento que este ocupa na formação econômica capitalista e na luta de classes.

Para tanto, concebemos que o nódulo essencial de toda ontologia é a categoria da substância que, na ontologia de Lukács, apresenta o ser sendo histórico porque sua essência, em vez de ser dada *a priori*, se substancia ao longo do próprio processo de desenvolvimento ontológico. Sobre a substância, Lukács (*apud* LESSA, 2002, p. 51)², afirma:

A substância é aquilo que, no perene mudar das coisas, mudando a si mesma, é capaz de se conservar em sua continuidade. Esse se conservar dinâmico não é, todavia, necessariamente conexo com a 'eternidade': as substâncias podem surgir e perecer, sem por isso deixar de ser substância, já que dinamicamente se mantiveram no período de tempo de sua existência. [...] a substancialidade [...] não é uma relação estático-estacionária de autoconservação que se contraponha em termos rígidos e excludentes ao processo do devir, ela ao invés se conserva em sua essência, mas processualmente, se transformando no processo, se renovando, participando do processo.

Para Lukács, a essência é o *locus* da continuidade³, cuja relação não gera a categoria necessidade. Mediante essa premissa, concebemos lazer enquanto uma práxis social que possui um nódulo essencial de ontologia, cuja essência precisa ser revelada na sua substância.

Ao reconhecermos lazer enquanto uma práxis social, que possui um nódulo essencial de ontologia cuja essência precisa ser revelada na sua substância, colocamo-nos no esforço de elaborar esses apontamentos para esclarecer duas indagações prioritárias: 1. O lazer, enquanto um fenômeno da práxis social humana, ao se instituir enquanto necessidade se desenvolve de maneira natural a partir da essência do ser social na luta de classes e nas relações de trabalho da formação econômica capitalista? 2. Considerando a reprodução das determinações mais genérico-essenciais do ser social,

a cada momento histórico, como se desenvolve a essência humana e histórica da apropriação do lazer na sociedade capitalista?

Para suscitar elementos que sustentem possíveis explicações a essas questões é preciso compreender restrições mutilantes e limitações avarentas que nos impõem a exploração capitalista no tempo de trabalho. Somente elegendo o autêntico pensamento crítico do real, poderemos estabelecer nas bases de um projeto histórico superador ao capitalismo a possibilidade de uma outra riqueza produzida pelo trabalho, que possa fluir da organização da reprodução social sobre a base do tempo disponível⁴ dos trabalhadores, pois, segundo Lessa (2002, p. 54), em capítulo dedicado a ideologia, Lukács, afirma explicitamente que

[...] o mundo dos fenômenos não pode em momento algum ser considerado um simples produto passivo do desenvolvimento da essência, mas, pelo contrário, precisamente a inter-relação entre essência e fenômeno constitui um dos mais importantes fundamentos reais da desigualdade e da contradição do desenvolvimento social.

Na historicidade do ser, Lessa (2002, p. 52) destaca, ainda, que:

A contradição entre essência e fenômeno seria o fundamento último dessa desigualdade; a contraposição entre essência e fenômeno tem um caráter fundamentalmente histórico e dinâmico, e a essência apenas pode se desdobrar concretamente por meio da mediação do ser-precisamente-*assim* das formas fenomênicas a cada momento existente.

As formas nacionais que assumem o capitalismo em todo o planeta, certamente são decisivas para o desenvolvimento global do modo de produção capitalista e, por isso, são igualmente decisivas para o desenvolvimento da essência dessa formação econômica, enquanto formação social, o que significa reconhecer que o lazer, assim como todos os fenômenos advindos dessa determinação, em sua essência, é um fenômeno produto do capitalismo, enquanto um complexo-histórico, em que o fenômeno, afirma Lukács (*id* apud Lessa 2002, p. 52)⁵:

É uma entidade social tal como a essência, [...] um e outra são apoiados pelas mesmas necessidades sociais, e um e outra são elementos reciprocamente indissociáveis desse complexo histórico-social (Lukács refere-se ao complexo de valores/riquezas/desenvolvimento do gênero humano). (Grifo do autor)

Lessa (2002, p. 54), partindo dos estudos de Lukács, ressalta que a relação entre essência e fenômeno é de tal ordem que a esfera fenomênica não é um resultado passivo do desdobramento da essência. Entre esses dois níveis do ser desdobra-se uma determinação reflexiva na qual o fenômeno exerce um papel ativo na determinação do desenvolvimento social e, portanto, na essência humana.

A reivindicação do "tempo disponível" a partir das relações de exploração do trabalho que geraram uma determinada esfera fenomênica de necessidades, cuja crise se agravou mais fortemente no século XIX, na Europa, não ocorreu naturalmente a partir da relação do homem e da mulher com o trabalho nos atos cotidianos a partir de alternativas⁶ objetivas da realidade, mas pelas contradições advindas de uma economia que partia do fato dado e acabado da propriedade privada, cujas fórmulas gerais abstratas passaram a valer como leis. As leis, tendo origem na essência da propriedade privada, não esclareciam para os trabalhadores qual o fundamento da divisão entre trabalho e capital, entre capital e terra. Para Marx (2004, p. 79)⁷,

... as únicas rodas que o economista nacional põe em movimento são a ganância e a guerra entre os gananciosos, a concorrência. Justamente pelo fato de a economia nacional não compreender a conexão do movimento, ela pôde novamente opor, por exemplo, a doutrina da concorrência à doutrina do monopólio, a doutrina da liberdade industrial à doutrina da corporação, a doutrina da divisão da posse da terra à doutrina da grande propriedade latifundiária, pois concorrência, liberdade industrial, divisão da posse da terra eram desenvolvidas e concebidas apenas como conseqüências acidentais, deliberadas, violentas [e] como [conseqüências] necessárias, inevitáveis, naturais do monopólio, da corporação e da propriedade feudal.

Portanto, o que denominamos de lazer neste estudo, nasce nos primórdios em que se acirram as relações da formação econômica capitalista, na transformação do sujeito que trabalha, enquanto conseqüência ontológica necessária do objetivo do tempo do trabalho alienado, em que a ação do tempo de trabalho é determinante sobre o sujeito humano, retirando-lhe a consciência relativa às tarefas, ao mundo, ao próprio sujeito, alienando-o da reprodução da própria existência nos espaços e tempos que partem inicialmente do trabalho, mas que vão para além de suas relações.

Segundo Marx (2004, p. 200), o que de concreto caracteriza a era capitalista é o aparecimento do capital, cujas contradições históricas de existência não se concretizam apenas pela existência da circulação de mercadoria e dinheiro, mas quando os possuidores dos meios de produção e de substância encontram o trabalhador livre no mercado vendendo sua força de trabalho⁸.

A manipulação da vida tornou-se, desde então, de modo especial, impregnada de interesses de classes e com a divisão do trabalho, fator decisivo para a reprodução do capitalismo que avançou a cada século mais agressivo, irradou-se com todo o domínio de camuflagem, principalmente por parte da religião, para todos os campos da práxis social.

Para estabelecer o esforço necessário de apontar nesses estudos os pressupostos ontológicos da produção do conhecimento do lazer nas bases de relações dos fenômenos que geram a sua essência, parto de uma pesquisa do conhecimento produzido nas universidades, em cursos de *latus sensu*; considerando essa produção, os pesquisadores teriam muito a contribuir se optassem por divulgar métodos manipulatórios presentes nas ciências, que negam o senso crítico da confrontação com o ser real, abrindo assim o caminho para necessidades humanas puramente subjetivas, em que as lutas de classes e seus interesses não se apresentam de forma concreta em confronto na sociedade capitalista.

Concordando com Lukács (1979, p. 43)⁹,

[...] a crítica ontológica deve ter como seu ponto de referência o conjunto diferenciado da sociedade – diferenciado concretamente em termos de classes – e as interpelações de comportamentos que daí deriva. Só deste modo é possível fazer uso correto da função da práxis como critério da teoria, decisiva para qualquer desenvolvimento espiritual e para qualquer práxis social.

A consciência que a classe trabalhadora precisa assumir perante a realidade do lazer, a partir da sua própria posição de classe, precisa ter a vocação histórica de assumir na produção do conhecimento da práxis social, o sentido do processo histórico como imaneente a este mesmo processo, deixando de reconhecer o lazer como um fenômeno que contribui para uma conquista de liberdade enquanto uma necessidade das relações estabelecidas pelo capital. A realidade em que se coloca o lazer para a classe trabalhadora se fetichizado numa carência de conceito, que muito pode se transformar num mito irracionalista. Assim, relações categoriais tão fundamentais como fenômeno-essência e singularidade-particularidade-universalidade são ignoradas nos estudos do lazer, pelo que a imagem da realidade sofre com a excessiva homogeneização privada de tensões, simplificadora e, portanto, deformante.

Portanto, em nossos estudos buscamos identificar o que impede o ser social de estabelecer relações com a totalidade da realidade do lazer; mesmo porque, se não pudermos reconhecer o lazer na sua totalidade a partir de uma situação de classe determinada pelos interesses do capital, a própria reflexão conseqüente, levada até ao extremo e que incide sobre as contradições dos interesses da classe trabalhadora, não poderá desempenhar mais do que um papel subalterno e o lazer, enquanto uma práxis social, não poderá contribuir para intervir na marcha da história em vista a conquista de um projeto de sociedade comunista.

Notas

¹ Grupo de Estudo em Educação Física, Esporte e Lazer – FACED/UFBA, que compõe e coordena a Rede LEPEL de pesquisadores e é constituída pela: Rede DELTA (estadual), Rede GAMA (regionais), Rede ÔMEGA (local).

² LESSA, Sergio. **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Boitempo, 2002. 287 p.

³ Conforme Lukács (apud Lessa 2002, p. 51), "a essência é o complexo de determinações que permanece ao longo do desdobramento categorial do ser; a essência são os traços mais profundos que articulam em unidade os heterogêneos momentos que se sucedem ao longo do tempo".

⁴ O tempo disponível do trabalhador, segundo Marx (2002, p. 271) é um tempo que o trabalhador "furta o capitalista", pois este se apóia na lei da troca de mercadorias. Como qualquer outro comprador, procura extrair o maior proveito possível do valor-de-uso de sua mercadoria.

⁵ LUCKÁCS, Georg. **Teoria do partido revolucionário**. Cadernos de Formação Marxista. São Paulo: Brasil Debates Editora Ltda, s/d. 111 p.

⁶ Conforme Lukács (s/d p. 24), a alternativa é um ato de consciência, pois é a categoria mediadora por meio da qual o reflexo da realidade se torna veículo do ato de por um existente.

⁷ MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. 175p.

⁸ Para Marx (2004, p. 200 - 2001), nessas circunstâncias históricas, "o valor da força de trabalho é determinado, como qualquer outra mercadoria, pelo tempo de trabalho necessário à sua produção, e por sua conseqüência, a sua reprodução". O capital anuncia, desde o início, uma nova época no processo de produção social, que segundo Marx, significa "adquirir a força de trabalho para o trabalhador, a forma de mercadoria que lhe pertence, tomando seu trabalho a forma de trabalho assalariado. Além disso, só a partir desse momento se generaliza a forma de mercadoria dos produtos do trabalho".

⁹ LUCKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979. 174 p.

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS MARXISTAS – LUDICIDADE, TRABALHO E TEMPO LIVRE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ-PR

Rogério Massarotto de Oliveira
Universidade Estadual de Maringá-PR

O grupo de estudos e pesquisas marxistas – Ludicidade, Trabalho e Tempo livre do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, originou-se como desdobramento do projeto de ensino "Consolidação e Implementação da Ludoteca" (criado em 1995), e reúne professores e/ou pesquisadores e alunos de graduação e pós-graduação de diferentes áreas do conhecimento, para produzir reflexões, estudos e pesquisas científicas sobre a dimensão lúdica/tempo livre e suas relações com o modo de produção e reprodução humana à luz dos escritos marxianos.

Centralizamos os estudos nas categorias teóricas: Dimensão lúdica, Trabalho e Tempo livre, em primeiro lugar, pela necessidade de se fazer ciência a partir da interação com o cotidiano do mundo, fazendo surgir, obviamente, questões mais profundas sobre a real ou natural qualidade das novas relações que emergem com ligações e inter-relações entre o senso comum e a ciência. Portanto, pesquisar a dimensão lúdica e articulá-la com a lógica do modo de produção e reprodução capitalista, a nosso ver, faz-nos atentar ao que acontece na vida cotidiana, seus signos e símbolos, seus silêncios, suas marcas, seus movimentos dinâmicos e estáticos e, portanto, anunciam um grande desafio. Além disso, nosso intuito é fortalecer a relação com o núcleo de pesquisa em Pedagogia da Educação Física, do departamento de Educação Física da UEM, que ocorre na identificação com a linha de pesquisa "Estudos sócio-culturais da Educação Física".

O mundo social, produzido e reproduzido pela humanidade por meio do capital, se faz, de acordo com as obras de Karl Marx, basicamente pela existência da propriedade privada, do Estado e que, assim, formam classes sociais antagônicas. Por conseqüência, por meio do trabalho alienado, fetichizado e estranhado, servem para alavancar uma série de revoluções sociais, industriais e tecnológicas que criaram, nas suas particularidades, a barbárie vivenciada pela condição humana na atualidade. Portanto, ao conjugarmos tais reflexões e alimentarmos as inquietações sobre o tema abordado, esse grupo de estudos e pesquisas marxistas, busca demonstrar o caráter multidimensional e interdisciplinar dos problemas de investigação que apontamos, ao entendermos que as necessidades humanas são massificadas e homogeneizadas de acordo com as necessidades imperativas do modo de produção capitalista.

Ao inserirmos a categoria dimensão lúdica, entendemos que, principalmente, na Educação Física e na Educação, tal dimensão vem sendo tratada como elemento supérfluo e sem condições de abarcar o comprometimento com a transformação e superação da atual forma societal. Porém, acreditamos que, desde a infância, apreendida nos gestos rápidos, produtivos e padronizados na lógica atual, é possível se deparar com os limites do singular e do universal e, também, constatar que é no cotidiano que se misturam privações e frustrações, desfrutes, necessidades convertidas, desejos, prazer e alegria. Assim, o movimento para tais estudos inicia-se a partir de vários relatos e experiências da vida cotidiana durante as ações profissionais e pessoais. Na praça de diversão de um *shopping center*, por exemplo, a diversão e a movimentação das crianças ocorre de acordo com a duração do tempo da máquina ou do sinal sonoro final e, ao mesmo tempo, são estimuladas a fazer tudo o que o tempo permite, ou seja, suas ações e desejos são determinados pela noção de um tempo rápido e intenso.

Concomitantemente, ao analisar qualquer pequena, média ou grande indústria é possível contemplar os trabalhadores centrados nos seus afazeres, controlados por um gerente, coagindo-os com a ameaça de um desemprego iminente e, assim, apressando-os, com base nas forças produtivas de trabalho. Seus movimentos e ritmos braçais são conduzidos, portanto, pela necessidade de eficiência e produtividade, ou seja, de extração de mais valia.

Nessa esfera dessa compreensão, Marx (1984) em *O Capital*¹, desvela o massacre da fábrica perante o trabalhador assalariado, e afirma que "todo trabalho na máquina exige aprendizado precoce do trabalhador para que ele aprenda adaptar seu próprio movimento ao movimento uniforme e contínuo de um autômato". (p.42). Marx ainda prossegue: "[...] Finalmente, a velocidade com que o trabalho na máquina é aprendido na juventude elimina igualmente a necessidade de preparar uma classe especial de trabalhadores exclusivamente para o trabalho em máquinas". (idem), e ainda "[...] Enquanto o trabalho em máquinas agride o sistema nervoso ao máximo, ele reprime o jogo polivalente dos músculos e confisca toda a livre atividade corpórea e espiritual". (p. 43).

Portanto, a relação entre as crianças brincando numa 'máquina de apressar' (brinquedos de *shopping center*, por exemplo) e do trabalhador comprometido na sua integridade, quando se prostra na lógica fabril e capitalista, pode parecer distante. Grosso modo, o que os aproxima, num primeiro momento, é o fato de ambos (adulto e criança) existirem/subsistirem/sobreviverem sob a lógica do capital, ou seja, sob as relações da produção e reprodução da vida humana no capitalismo e essa relação supera todas as demais. Ora, a atual sociedade se movimenta sustentada pela economia política e que, atualmente, ocorre pela globalização neoliberal, por meio da divisão internacional do trabalho, ou seja, pela distribuição das cadeias de produção em vários países, pelos fluxos de troca, pela financeirização da economia e pela chamada dependência coletiva entre as nações, que podemos considerar como livre concorrência (VASAPOLLO, 2007).

Esse processo, porém, não surge somente no período pós-fordista. Em 1896, na Inglaterra, a lei fabril já regulamentava a feitura propriamente de rendas nos domicílios e dividia os trabalhos em dois tipos, o de acabamento das rendas e o de feitura das



rendas de bilro (Marx, 1984). A parte dos acabamentos, denominado de *lace finishing* é feito como trabalho domiciliar nas assim chamadas *Mistresses Houses* (casa de mestras) ou por mulheres sozinhas ou com seus filhos em suas moradias particulares. As mulheres que mantêm as *Mistresses Houses* são elas mesmas pobres. O local de trabalho faz parte de sua moradia privada. De acordo com Marx (1984) a idade média mínima com que as crianças começam a trabalhar é de seis anos, algumas com cinco. O trabalho dura 12 horas, com uma hora e meia para refeições, sem regularidade e feita, muitas vezes, nos próprios fétidos buracos de trabalho.

Nesse arcabouço sedento por mais valia, os trabalhadores tem então, seus filhos e a si mesmo, determinados pelo tempo que, a cada dia, inserem sua prole no aumento da fabricação, ajudando-os com trabalhos auxiliares, que 'qualquer criança faria'. Dessa forma, a prática constante de um trabalho alienado, acostuma também a infância a ser rápida e eficiente no aproveitamento do seu tempo. As brincadeiras são moldadas pelo mundo adulto, a pipa já não é comprada, o esconde-esconde é eletrônico (*Playstation*), as brincadeiras cantadas são as da Xuxa e Cia. e o revólver já é quase de verdade. A dimensão lúdica, então, influenciada pela jornada de trabalho da família, passa a ser encaixada nos poucos tempos livres que as crianças obtêm. Essa relação inunda de tal forma o cotidiano familiar urbano e não-urbano, que acarreta na ampliação das relações entre coisas humanas, nas quais, as relações de troca definem a condição humana. A coisa se torna humana e o humano se torna coisa. (Marx, 1964).

O proletariado, então, tolhido de sua existência plena, por meio do capital, depara-se com sua vida submetida aos ditames imperialistas, às lógicas produtivas, à acumulação flexível pós-fordista e, enfim, à barbárie, já antes apontada por Karl Marx. Assim, a abordagem da dialética nos estudos do grupo é necessária para se compreender o conjunto de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito e também as representações sociais que demonstram o mundo dos significados. A análise da vida social deve acontecer por meio da perspectiva dialética, a fim de que se estabeleçam os preceitos de mudança que conduzem os fenômenos e esteja fundada no estudo dos fatos concretos para desvelar o movimento do real em seu conjunto.

Nesse sentido, buscamos refletir sobre a dimensão lúdica na ótica revolucionária e, para isso, tal categoria precisa ser abstraída e compreendida para além da sociedade do capital. A dimensão lúdica deve vir, ao nosso entendimento, na proposição de resistir transgredindo, ou seja, deve questionar explicitamente a lógica produtiva nas suas várias dimensões e não sob disfarces discretos de indolência, negação implícita ou sustentada pela preguiça como contrariedade à produtividade. Nesse âmbito, nosso grupo, além das pesquisas, produz brinquedos artesanais, cujas temáticas, sob teor revolucionário, buscam imprimir teor concreto às reflexões produzidas. Os brinquedos, denominados "improdutivos" e/ou revolucionários, questionam a ordem social ao abordar os temas: Alienação; exteriorização e estranhamento; Extração da mais-valia; Fetichização e reificação humana; Expropriação da força de trabalho; Estado e revolução; Estigmas, preconceitos e discriminação; Padrões de valores, dentre outros. Os brinquedos ficam no Laboratório de Pesquisas do Lúdico do Departamento de Educação Física e vão a campo, constantemente, nas escolas, praças e no próprio campus universitário, buscando ampliar e fortalecer a quebra dos padrões produtivos, por meio do "brincar". (Para conhecer o Laboratório, acesse: <http://www.geocities.com/grupomarxlutte/grupomarxlutte.html>?)

Assim, no plano concreto, as brincadeiras ou brinquedos (que fazem referência à dimensão lúdica) devem contemplar a luta de classes, a ideologia dominante e outros temas que provocam e educam a classe trabalhadora em prol de uma sociedade emancipada. Contra a opressão vivida é necessária a revolução, cujas armas são forjadas no presente, na construção da realidade e no cotidiano que perpassam a educação pública e avançam à consciência de classe, rumo à luta concreta pelo fim da sociedade de classes, por meio do processo de trazer a consciência para si e ter a consciência de si. Porém, "se são os indivíduos que se apercebem dessa contradição no tecido concreto das relações que constituem a objetividade de suas existências, não são indivíduos concebidos isoladamente, que podem agir sobre a objetividade e transformá-la." (Iasi, 2001, p. 214).

Contudo, constato que as questões trazidas não dão conta de esgotar o tema que, a meu ver, necessitam de outros olhares e diálogos no campo científico. A dimensão lúdica como vem sendo entendida e praticada, contribui para o materialismo social do capital e, portanto, necessita ser questionada a partir do olhar da classe trabalhadora, nos seus alicerces voltados à superação da sociedade de classes. De nada adianta uma dimensão lúdica que se diz resistente ou ainda, revolucionária, se sua produção material se dá na lógica societal desumana, construída pelos próprios homens.

Cremos, então, que seja necessário inserir novas experiências do cotidiano lúdico e analisá-las à luz do materialismo histórico e dialético e, também, das provocações apontadas. Nos manuscritos econômico-filosóficos, Marx (1964), reforça que o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral e que não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas sim, de maneira inversa, é o seu ser social que determina a sua consciência.

REFERÊNCIAS:

IASI, M. *O Dilema de Hamlet*. São Paulo: Viramundo, 2002.

MARX, K. *O Capital*: Crítica da economia política. Vol. I, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1964.

VASAPOLLO, L. *Por uma política de classe* – Uma interpretação marxista do mundo globalizado. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

¹ Marx, Karl. *O Capital*: Crítica da economia política. Vol. I, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

LEVANTAMENTO, CATALOGAÇÃO E ANÁLISE DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO REFERENTE AOS ESTUDOS DO LAZER NO BRASIL – Séculos XX e XXI (Projeto 05118)

Elza Peixoto
(MHTLE – EMH – UEL)

Ao final do século XIX inicia-se a produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil que se avoluma vertiginosamente durante os últimos 30 anos do século XX.

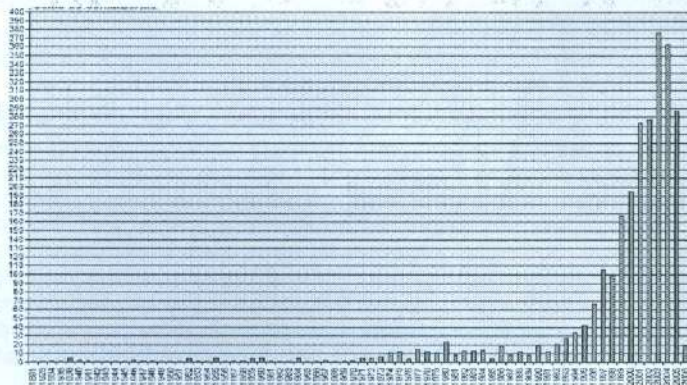


Gráfico 1 – Fluxo da Produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil (PEIXOTO, 2007).

Essa produção, no entanto, encontra-se dispersa pelos diversos meios de disseminação do saber científico das diversas áreas que se dedicam à investigação de aspectos da problemática do lazer. Essa dispersão dificulta o acesso ao conhecimento, o mapeamento do estado da arte e a identificação de problemáticas significativas ainda não pesquisadas, requisito fundamental para a preparação de jovens pesquisadores. Com vistas à superação desses problemas, estamos empreendendo *amplo levantamento dessa produção* e sua catalogação e disseminação em Banco de Dados eletrônico a ser disponibilizado *on-line* na forma de *Arquivo Referente aos Estudos do Lazer no Brasil* (ARELB), configurando-se, inicialmente, como uma referência remissiva. Trata-se de Projeto de Pesquisa e Revisão Bibliográfica, conduzido pelos Grupos MHTLE/UEL e LEPEL/UFBA, cujas etapas são a *identificação* e o *levantamento* da produção pré-existente, a *catalogação* da produção por autor, título, ano de publicação e imprensa, a *compilação* dos trabalhos reunindo-os em um único acervo físico, a elaboração de subprojetos de *análise* e a *sistematização* dos resultados dessas análises disseminada em artigos.

Neste número do Boletim Germal são expostos apontamentos preliminares de três subprojetos do Projeto ARELB em andamento no ano de 2008, conduzidos por graduandas (Curso de Licenciatura em Educação Física) custeadas com bolsas de Iniciação Científica e Inclusão Social da Fundação Araucária, que tratam, respectivamente, da produção do conhecimento referente à *relação trabalho lazer* (Vanessa da Silva Guilherme), aos jogos (Francielle Amaral) e à festa (Vânia Cristina Rocha). Tais apontamentos preliminares referem-se aos (1) títulos e autores que tratam dos assuntos aqui relacionados; (2) ao ano no qual esses títulos são produzidos; (3) ao fluxo de distribuição desses trabalhos no século; e (4) às temáticas e problemáticas privilegiadas nos trabalhos identificados, levantados e catalogados. Dizemos que são apontamentos preliminares porque buscamos, para além da organização dessa produção, a longo prazo, explicar, à luz da Concepção Materialista e Dialética da História, como e porque essa produção vai ser deflagrada e desenvolvida no Brasil (PEIXOTO, Elza. *Estudos do lazer no Brasil. apropriação da obra de Marx e Engels*. PEIXOTO, FE/ UNICAMP, 2007). A seguir, faz-se o relato dos subprojetos aqui anunciados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

PEIXOTO, Elza. Levantamento do estado da arte nos estudos do lazer: (Brasil) séculos XX e XXI - alguns apontamentos. Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 99, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000200014&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 29 08 2008. doi: 10.1590/S0101-73302007000200014.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. *Estudos do lazer no Brasil: apropriação da obra de Marx e Engels*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.



A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO REFERENTE À RELAÇÃO TRABALHO x LAZER NOS ESTUDOS DO LAZER NO BRASIL (1980-2004)

Vanessa da Silva Guilherme
Bolsista Iniciação Científica - UEL
Fundação Araucária

O levantamento, compilação, catalogação e análise da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil permitem afirmar que se trata de um conjunto de abordagens dos problemas relativos à fruição do tempo livre do trabalho a partir de áreas de conhecimento e referenciais teóricos diversificados, acompanhados ou não de proposições. Essa produção tem priorizado a discussão das condições de disponibilidade de tempo/espaço/atividade/atitude em que ocorre a fruição do tempo livre do trabalho. Uma pequena parcela dessa produção enfrenta, diretamente, a complexa relação trabalho x lazer, fazendo-se necessário conhecer o estágio de andamento de tal produção. Este estudo trata dos primeiros resultados do projeto de iniciação científica financiado pela Fundação Araucária, intitulado *Levantamento, catalogação e análise da produção do conhecimento referente à relação trabalho x lazer nos estudos do lazer no Brasil (1980-2000)* iniciado no término do ano passado. No presente texto, apresentaremos um relato parcial dos resultados quanto à análise do estado da arte na discussão que os estudos do lazer fazem da relação trabalho x lazer. Para tanto, realizamos a identificação e o levantamento da produção pré-existente, a catalogação dessa produção por autor, título, período de publicação e imprensa; a compilação, a análise e a sistematização das informações referentes à problemática delimitada, configurando um quadro preliminar geral do estado da arte.

Tomando-se por base (1) as informações disponíveis no Banco de Dados Referente aos Estudos do Lazer no Brasil – ARELB¹ (PEIXOTO, 2007) atualizadas mediante a consulta aos (2) currículos cadastrados na *Plataforma Lettes* por meio da busca por assunto, expressão exata trabalho e lazer, foram identificados 126 trabalhos que continham tais palavras em seus títulos. Desses 126 trabalhos 27 foram selecionados e compilados. Posteriormente, foram lidos com a preocupação de se identificar (1) a distribuição da produção do conhecimento referente à problemática lazer x trabalho com relação ao conjunto do fluxo da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil; (2) os autores e os traços gerais dessa produção; (3) as temáticas privilegiadas. Essa análise possibilitará a organização das informações para uma análise epistemológica a ser realizada posteriormente e paralelamente à localização histórica das condições objetivas que viabilizam a preocupação dos autores com o assunto. Tratar-se-á, assim, de explicar o que a produção do conhecimento tem a ver com a realidade brasileira.

Em relação ao fluxo da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil, observa-se a seguinte distribuição dos trabalhos que possuem em seus títulos as palavras trabalho e lazer:

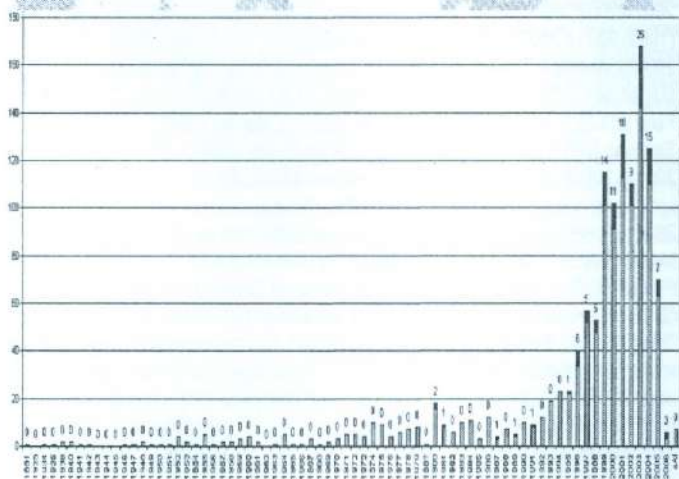


Gráfico 1 - Fluxo da produção do conhecimento referente aos estudos da relação trabalho e lazer no Brasil.

Das 2664 referências catalogadas no Banco de Dados ARELB, localizamos 126 trabalhos que anunciam em seus títulos a intenção de discutir a relação trabalho x lazer. Dentre estes, selecionamos 27 textos, distribuídos entre os anos de 1980 e 2004. Os 27 trabalhos têm como autores: Foot Hardman (1980); Peixoto (1999); Pinto (1999); Silva (1999); Santos (1999); Mourão (1999); Alves Jr. (1999); Viera e Silva (1999); Sadi (1999); Reis, Oliveira, Souza & Sousa (2000); Callero, Souza & Morandi Júnior (2000); Queirós (2000); Isayama & Moura (2000); Souza, Húngaro, Requena & Polato (2000); Oliveira & Werneck (2000); Stoppa (2000); Mascarenhas (2001); Silva (2001); DaCosta (2003); Chemin (2003); Witczak (2003); Gomes (2003); Pimentel (2003); Padilha (2003); Borges (2003); Blascovi-Assis, Peixoto & Fiamenghi Júnior (2004) e Marcellino & Lazer (2004). Em virtude do espaço disponível não é possível listar todas as obras trabalhadas. A localização das referências pode ser obtida em <http://www.arelb.uel.br>.

Com relação às temáticas privilegiadas, temos:

- ✓ Recuperação histórica das lutas do movimento operário pela redução da jornada de trabalho e pelo direito ao lazer (FOOT HARDMAN, 1980);
- ✓ Representações de grupamentos de trabalhadores acerca do lazer (MOURÃO, 1999);
- ✓ Estudos sobre aposentadoria e o trabalho voluntário como segunda carreira (ALVES Jr., 1999);
- ✓ Transformações no mundo do trabalho, transformações na distribuição e no usufruto do tempo, qualidade no usufruto do lazer e perspectivas de superação do capitalismo (SANTOS, 1999);
- ✓ Crítica à tese do fim da sociedade do trabalho e ampliação da sociedade do lazer, acompanhada do esforço de explicar as possibilidades e impossibilidades de fruição do lazer nos limites do modo capitalista de produção (PADILHA, 2003);
- ✓ Estudos sobre preferências e dificuldades de um grupo de pessoas com deficiência física em relação à prática do lazer e seus engajamentos no mercado de trabalho (BLASCOVI-ASSIS, PEIXOTO & FIAMENGI JÚNIOR, 2004);
- ✓ Crítica à obra de Domenico De Masi no tocante a relação lazer/trabalho e seus correlatos (MARCELLINO E LAZER, 2004);
- ✓ Estudos sobre mercado de trabalho na área do lazer, características procuradas nos profissionais e implicações nos trabalhos oferecidos (STOPPA, 2000);
- ✓ Estudos sobre o significado histórico, para os trabalhadores e para a organização sindical como todo, dos programas de lazer desenvolvidos no ambiente de trabalho (PEIXOTO, 1999);
- ✓ A exploração do trabalho infantil e as suas relações com o tempo de lazer e o lúdico acompanhado de crítica ao processo destrutivo de acumulação do capital (SILVA, 2001);
- ✓ Estudos sobre como o torcedor de futebol relaciona seu tempo livre com o tempo de trabalho (CALLERO, SOUZA & MORANDI JÚNIOR, 2000);
- ✓ Transformações no mundo do trabalho e sua relação com o usufruto do lazer e o direito ao trabalho pelos idosos (REIS, OLIVEIRA, SOUZA & SOUSA, 2000);
- ✓ Estudo sobre as relações entre esporte, lazer e trabalho na constituição histórica do atletismo de Belo Horizonte apoiada na história de um atleta/técnico (OLIVEIRA & WERNECK, 2000);
- ✓ Reflexão sobre trabalho e o lazer a partir da dimensão lúdica como tentativa de se pensar o lazer e o trabalho como vivência de valores importantes para a conquista de nova dimensão de qualidade de vida e qualidade de trabalho (PINTO, 1999);
- ✓ Tentativa de recuperação histórica das relações de trabalho no Brasil e apresentação da proposta da prefeitura de Betim/MG para a melhoria da ambiência do trabalho e vivência do lúdico pelo trabalhador (SILVA, 1999);
- ✓ Política Pública de lazer e a produção de oportunidades de lazer e trabalho para diferentes segmentos de uma determinada comunidade (QUEIRÓS, 2000);
- ✓ Estudos sobre como os profissionais do lazer vivenciam e compreendem as experiências de trabalho e de lazer (ISAYAMA & MOURA, 2000);
- ✓ Análise das manifestações do lazer na sociedade brasileira (SOUZA, HUNGARO, REQUENA & POLATO, 2000);
- ✓ Estudos sobre as representações acerca do lazer, trabalho e qualidade de vida de uma comunidade universitária (VIEIRA & SILVA, 1999);
- ✓ Reflexão sobre o que incitou o poder público da cidade de São Paulo a sistematizar os clubes de Menores Operários (GOMES, 2003);
- ✓ Reflexão sobre a relação entre lazer e trabalho no ambiente escolar (BORGES, 2003);
- ✓ Transformações no mundo do trabalho na sociedade ocidental e reflexões sobre o lazer como sendo um produto do trabalho (CHEMIN, 2003);
- ✓ Estudos sobre as relações entre trabalho e lazer para o idoso aposentado (WITCZAK, 2003);
- ✓ Estudos que entrelaçam as discussões teóricas sobre lazer e trabalho às interpretações de música e literatura (PIMENTEL, 2003);
- ✓ Reflexões sobre o trabalho informal e a sua relação com o lazer (DaCOSTA, 2003);
- ✓ Reflexões sobre a relação trabalho e lazer buscando identificar valores e significados pertencentes ao entendimento de ócio, em sua interlocução com o trabalho, que determinam historicamente o conceito de lazer (MASCARENHAS, 2001);
- ✓ Reflexão sobre a centralidade do trabalho para entendimento da problemática do lazer e sobre a impossibilidade de vivência do lazer de forma emancipadora no modo capitalista de produção (SADI, 1999);

Os resultados aqui expostos, embora permitam uma visão geral da produção do conhecimento referente à relação trabalho x lazer no Brasil, são insuficientes para a compreensão do estado da arte sobre a respectiva problemática. Evidencia-se, assim, a necessidade de reconhecimento das concepções de trabalho e de lazer que permeiam estes estudos. Evidencia-se, também, a necessidade de estudos comprometidos em explicar a relação entre a produção existente e a realidade que a estimula.

¹ Banco de Dados eletrônico produzido a partir do Levantamento do Estado da Arte referente aos estudos do lazer no Brasil realizado por Peixoto (2007).

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO REFERENTE AOS JOGOS (1891 - 1968)

Francielle Amaral

Bolsista Inclusão Social - UEL / Fundação Araucária

Encontramos referência aos jogos em publicações brasileiras a partir do final do século XIX. São diversos manuais de recreação que fazem alusão ao jogo como um recurso estratégico para a aprendizagem de normas e valores de convívio social, além de contribuir na facilitação da aprendizagem dos conteúdos escolares. Desconhecendo levantamentos relativos ao estágio de desenvolvimento dessa produção, tomando por base as informações disponíveis no *Banco de Dados Referente aos Estudos do Lazer no Brasil - ARELB*¹ estamos mapeando o estado da arte na produção do conhecimento referente aos jogos com vistas a descobrir as motivações que levam à produção de literatura sobre a temática, no período compreendido entre 1891 e 1968, no Brasil. Esse mapeamento é feito tomando-se as etapas da pesquisa bibliográfica, que incluem o levantamento, a catalogação, a localização, a compilação, a análise e a síntese da produção do conhecimento pré-existente. Pretende-se: (1) levantar as obras e autores que descrevem e indicam os jogos como conteúdos de conhecimento e/ou procedimentos metodológicos; (2) identificar as motivações que levaram à produção bibliográfica sobre tal temática; (3) reconhecer os tipos de jogos apresentados; (4) contribuir para a ampliação do acervo de títulos sobre a temática no Banco de Dados ARELB.

A etapa 'levantamento' permitiu verificar que estão catalogadas no ARELB 72 obras publicadas no primeiro ciclo dos estudos do lazer, sendo 26 diretamente relacionadas aos jogos. Esse levantamento foi ampliado aos sites da Biblioteca Nacional (www.bn.br), da Estante Virtual (www.estantevirtual.com.br), da biblioteca da Universidade Estadual de Londrina (www.uel.br/bc) e da CAPES (www.periodicos.capes.gov.br) a partir das palavras chave "jogo" e "jogos", permitindo a revisão dos dados disponíveis no ARELB com acréscimo de obras ainda não catalogadas e a eliminação de repetições. Assim, das 26 obras inicialmente localizadas, uma obra não é de autor brasileiro e três são repetidas, sendo excluídas das referências a serem estudadas, restando 22 obras. Após o levantamento ampliado, nove obras foram acrescentadas ao ARELB, obtendo-se 31 obras publicadas no período 1891-1968. Essa primeira etapa da pesquisa contribuiu para o alcance de dois dos objetivos específicos delimitados neste subprojeto e indicados acima, cujos focos eram (4) contribuir para a ampliação do acervo de títulos sobre a temática no Banco de Dados ARELB e (1) levantar as obras e autores que descrevem e indicam os jogos como conteúdos de conhecimento e/ou procedimentos metodológicos. Os resultados obtidos nessa primeira etapa permitem ainda constatar o volume de títulos publicados sobre a temática neste primeiro ciclo, conforme segue:

1891	1896	1905	1925	1934	1935	1940	1941	1942	1943	1944	1946	1947	1949	1950	1955	1959	1961	1961	1962	1964	1966	1971	TOTAL
1	1	1	1	1	1	2	1	1	2	2	1	2	1	1	2	2	2	1	1	1	1	1	31

As 31 obras localizadas têm como autores: Albuquerque (1942); Alexander (1891); Brasil (1955); Campos (1962); Carneiro (1966); Caro (1944); Cascudo (1947); Castro (1956); Faria (1909); Figueira (1955); Gouvêa (1934), (1949); Hazliler (1946); Loiola (1940); Marinho (1956) (1971); Medeiros (1950, 1959, 1959b, 1960, 1960b, 1964); Miranda (1940, 1941, 1943, 1943b, 1944, 1947); Revista de ensino (1925); Serviço de propaganda e educação sanitária (1935) e Teixeira (1961).

Dispondo das referências bibliográficas, passamos para o segundo passo da pesquisa que se refere à localização e compilação das obras a serem revisadas. Nessa segunda etapa, consultamos o Sistema de Bibliotecas da Universidade Estadual de Londrina, a Biblioteca Municipal de Londrina e a biblioteca particular da professora Elza Peixoto, localizando, na Biblioteca da UEL, cinco títulos, na biblioteca particular, um título e na Biblioteca Municipal, nenhum título. Entre as cinco obras localizadas na UEL, "200 jogos infantis", de Nicanor Teixeira Miranda, edição de 1972, está indisponível por estar em manutenção na Oficina de Encadernação. Sob tais condições, conseguimos compilar para análise as obras: *Jogos na escola primária* (Campos; Gouvêa; Cunha, 1962); *Manual de Educação Física: jogos e recreação* (Teixeira; Mazzei, 1961); *Educação Física, recreação e jogos* (Marinho, 1971); *Jogos para recreação na escola primária* (Medeiros, 1959b); *Jogos para recreação infantil* (Medeiros, 1960).

Até o momento do fechamento deste artigo, iniciamos as etapas 'análise' e 'síntese da produção'. A análise preliminar dos títulos evidencia referências aos jogos como procedimento metodológico para o ensino de disciplinas como a matemática ou o português, ou seja, não estando voltados exclusivamente à Educação Física. Até o momento podemos concluir que o jogo é visto, nesses manuais, como uma forma de recreação, entendida aqui como uma continuidade do recreio, como um conteúdo não sério.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Maria Elisa Rodrigues; GOUVÊA, Ruth; CUNHA, Maria Augusta Álvares da. *Jogos na escola primária*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962. 168p.
- PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça Peixoto. *Estudos do lazer no Brasil*. apropriação da obra de Marx e Engels. 2007. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- TEIXEIRA, Mauro Soares; MAZZEI, Júlio. *Manual de Educação Física: jogos e recreação*. São Paulo: Obelisco, 1961.

LEVANTAMENTO SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO REFERENTE À FESTA ENTRE OS ESTUDOS DO LAZER NO BRASIL

Vania Cristina Rocha

Bolsista Inclusão Social - UEL
Fundação Araucária

Os estudos do lazer vêm produzindo uma grande quantidade de trabalhos que necessitam ser adequadamente analisados pelos estudiosos da área. Recentemente, com o objetivo de entender o modo como os estudos do lazer vão abordar a festa enquanto *atividade* e *conteúdo do ensino* desenvolvidos no contexto escolar realizamos a *identificação* e o *levantamento* da produção pré-existente sobre a festa, a *catalogação* dessa produção por autor, título, período de publicação e imprensa, a *compilação*, a *análise* e a *sistematização* das informações referentes à problemática delimitada, configurando um quadro preliminar geral do estado da arte. Foram levantados 148 trabalhos que continham a palavra *festa* em seus títulos. Posteriormente, os trabalhos levantados foram organizados de acordo com (1) a distribuição da produção do conhecimento referente à problemática festa em relação ao conjunto do fluxo da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil; (2) os autores que estão se ocupando com a problemática; (3) as temáticas privilegiadas; (4) as noções de festa predominantes.

No que toca ao volume dos trabalhos que anunciam em seus títulos a intenção de discutir a problemática festa, em relação ao conjunto do fluxo da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil, observa-se a seguinte distribuição:

1978	1986	1989	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
01	02	01	02	06	01	06	03	06	02	02	11	03	10	13	12	10	16	15	20	06

Do conjunto de 2664 referências catalogadas no Banco de Dados ARELB, localizamos 148 trabalhos que anunciam em seus títulos a intenção de estudo da festa, produzidos entre os anos de 1978 a 2008. Os trabalhos em questão são de autoria de: Brandão (1978); Blass (1988, 1989, 2006); Alves (1991); Tomazzoni (1991); Barreiro (1992); Guimarães (1992a, 1992b, 1992c, 1992d, 1993a, 1993b, 1994a, 1994b, 1994c, 1995a, 1995b, 1995c, 1996a, 1996b, 1996c, 2000); Silva (1992); Bueno (1994, 2006, 2007, 2008); Campelo (1994); Tonetto (1995); Araújo (1996a, 1996b, 2001); Oliveira (1996 a, 1996b); Farias (1997); Silva (1997, 1998a, 1998b, 2000); Cunha (1988, 2000); Beltrão (1999); Costa (1999, 2001, 2002, 2003, 2007); Couto (1999, 2003); Figueiredo (1999, 2005a, 2005b, 2007); Santos (1999, 2001a, 2001b, 2002, 2003, 2004); Leite (1999); Marín (1999); Mano (1999, 2002); Moura Filha (1999, 2001a, 2001b, 2003, 2007); Machado (2000, 2001); Nery (2000, 2002, 2004a, 2004b); Andrade (2001); Galindo (2001); Souza (2001a, 2001b); Souza (2001, 2003); Magalhães (2002); Moreno (2002); Pereira (2002a, 2002b); Pimentel (2002); Colchete Filho (2003); Cunha Junior (2003); Guerra (2003); Martins (2003, 2005a, 2005b, 2006); Santana (2003, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2006a, 2006b); Padovani Lima (2003, 2004a, 2004b, 2004c, 2005, 2008); Pelegrini (2004, 2007a, 2007b); Santos (2004); Lins Guimarães (2003); Padovani (2004); Banducci Junior (2005); Grandó (2005, 2007, 2008); Lessa (2005a, 2005b); Groppo (2005); Alves (2005); Carvalho (2005); Negrine (2005, 2006); Siqueira (2006, 2007); Oliveira (2006); Robim (2007 a, 2007b); Pinheiro (2005, 2006); Baptista (2008); Mesquita (2005); Rodrigues (2005); Engler (2006); Sampaio (2006 a, 2006b, 2007); Schawartz (2006, 2007, 2008); Silva (2007); Toledo (2007); Serpa (2007) e Coriolano (2007). Tais trabalhos são produzidos pelas áreas de conhecimento (acompanhadas da quantidade por área): agronomia (01), arquitetura (02), antropologia (03), ciências biológicas (01), ciências econômicas (01), ciências sociais (16), comunicação social (01), educação física (04), filosofia (01), geografia (05), história (17), pedagogia (02), publicidade e propaganda (01), teologia (01), e turismo (03).

As temáticas privilegiadas nesses trabalhos são:

- ✓ Descrição das festas religiosas como patrimônio histórico e cultural a ser preservado;
- ✓ Estabelecimento de relações entre a festa e o desenvolvimento regional e econômico com vistas ao estabelecimento de rotas turísticas;
- ✓ Estudos focados no papel das festas na construção das identidades étnicas;
- ✓ Descrição detalhada dos rituais de festas tradicionais considerando -se os significados econômicos, políticos e sociais;

Os resultados da pesquisa até o momento de conclusão deste artigo evidenciam esforços de descrição das complexas relações em que está inscrita a problemática "festa", viabilizando a possibilidade da sistematização do conhecimento e sua organização para o ensino no contexto escolar.

¹ Banco de Dados eletrônico produzido a partir do Levantamento do Estado da Arte referente aos estudos do lazer no Brasil realizado por Peixoto (2007).

